



o faraó de Israel

"**VER, OUVIR, CONHECER, descer e enviar** – verbos que revelam um Deus presente na história do povo. Os primeiros três – vi, ouvi e conheço – indicam a preocupação e o cuidado retroativo do Bom Pastor; os outros dois – desci e envio – indicam ação. Ação de um Deus que é capaz de se abaixar, de se humilhar, de se esvaziar para ser *'obediente até a morte e morte de cruz'*, como lembra o hino da carta de Paulo os Filipenses (Fl 2, 6-11). No mistério da **incarnação, de resto, esse abaixamento ganha a sua plenitude**", escreve PE. ALFREDO J. GONÇALVES, CS, vice-presidente do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), São Paulo.

DA MESMA FORMA QUE a antiga civilização **egípcia** conheceu várias dinastias de faraós, agora **Israel** também tem seu faraó. Se o faraó antigo representou um terror para o povo de **Israel** que vivia sob seus pés, o faraó de hoje vem

representando um terror para o povo palestino, subjugado há décadas pelas forças de **Israel**. O faraó moderno responde pelo nome de BENJAMIN NETANYAHU. Cabe um paralelo entre a situação dos antigos **israelitas** escravos no **Egito**, de uma parte, e, de outra, a situação atual dos **palestinos**, na faixa de **Gaza**. Em ambos os casos, lá atrás, um tirano distribuía trabalho pesado e açoites através de seus capatazes; atualmente, outro tirano distribui bombas, miséria e fome através de seus soldados. No tempo antigo, o massacre de todo um povo pelo excesso de trabalho pesado, hoje o massacre disfarçado de guerra justa ou, pior ainda, *"de direito de se defender"*, legitimado pelo poder de veto no Conselho de Segurança da ONU.

Todo opressor pretende dispor da vida e da morte de seus súditos, escravos ou colonizados. Nem os povos vizinhos escapam da dominação. Em não poucos

casos, a principais vítimas acabam sendo civis inocentes, de modo particular crianças. A figura simbólica dos faraós passou para a história como déspotas brutais e intransigentes, quer diante do trabalho forçado dos estrangeiros, quanto diante dos apelos pela liberdade por parte dos mensageiros de Deus. Seu coração se endurece a tal ponto que o sofrimento da população jamais o abala e, menos ainda, as ameaças do profeta **Moisés**. Sobrevêm, então, as famigeradas pragas do **Egito** e, nelas, as crianças acabam sendo sacrificadas, como filhos primogénitos.

Mas Deus não permanece indiferente como pretendem muitos. No episódio da sarça ardente, capítulo três do Livro do **Êxodo**, narra-se simbolicamente um momento de oração de **Moisés**. No fundo, em lugar da sarça, o que arde é o coração do profeta. Encontra-se, como se costuma dizer, entre a parede e a espada. Enquanto o faraó o persegue para eliminá-lo, por

ter matado um soldado **egípcio**, ele tem consciência da situação de seu povo escravo. Prensado pelo medo e, ao mesmo tempo, pelo clamor do seu próprio sangue, **Moisés** sobe à montanha para rezar, pedir luzes ao Senhor.

Duas são as respostas à sua oração. A primeira é que **IAVÉ** é um Deus atento, sensível e solidário com os que sofrem. Cinco verbos, na primeira pessoa do singular, colocados na boca do Senhor, dão prova disso. Eu vi a aflição e miséria do meu povo no **Egito**, eu ouvi seus clamores por causa de seus opressores, eu conheço os seus sofrimentos, eu desci para libertá-lo e conduzi-lo a “*uma terra farta onde corre leite e mel*”, por isso eu envio para que o tires da terra da escravidão. Ver, ouvir, conhecer, descer e enviar – verbos que revelam um Deus presente na história do povo. Os primeiros três – vi, ouvi e conheço – indicam a preocupação e o cuidado retroativo do Bom Pastor; os outros dois – desci e envio –

indicam ação. Ação de um Deus que é capaz de se abaixar, de se humilhar, de se esvaziar para ser “*obediente até a morte e morte de cruz*”, como lembra o hino da carta de Paulo aos Filipenses (Fl 2, 6-11). No mistério da encarnação, de resto, esse abaixamento ganha a sua plenitude.

A segunda resposta à oração de **Moisés** é que este deve retornar ao **Egito**. “*Tira o meu povo do Egito*”, diz o Senhor. A verdadeira oração é aquela que, após a contemplação da montanha, é capaz de descer à realidade. Oração que se desdobra em ação socio pastoral e política diante da injustiça. No processo de libertação do **Egito**, evento fundante da nação do **Israel** antigo, o povo faz a experiência de um Deus diferente dos ídolos dos impérios vizinhos: **Assíria, Babilônia, Pérsia, Egito**, e mais tarde **Grécia e Roma**. IAVÉ revela-se um Deus parcial e a caminho. Parcial, porque tratar de forma igualitária uma situação desigual termina por agravar a

injustiça. Condições distintas exigem resoluções diferenciadas. O caminho, porque, diferentemente dos deuses do templo, do palácio e da antiga Cidade-Estado, IAVÉ passa a ser o Deus do êxodo, do deserto, do exílio, da diáspora e da tenda.

Agora, porém, quem se encontra prisioneiro, e em diáspora dentro do próprio território, é o povo **palestiniano**. A balança de Deus pende sempre para os que sofrem, oprimidos e martirizados. Os faraós fazem muito estrago, é verdade, mas têm vida efêmera. As raízes da liberdade, ao contrário, mergulham em terras profundas e têm vida longa. Mesmo em meio ao fogo constante e dissimulado de guerra, acoberto pelos **Estados Unidos**, o mundo clama por justiça e paz. Um ato de violência não justifica nenhum massacre. O grito e o sangue dos palestinos chega aos quatro cantos da terra. A justiça e a paz hão-de vencer!